

LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE

Zuleica Aparecida CABRAL

Djane Antonucci CORREA

Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG

Resumo: Essa investigação faz parte de um trabalho maior que busca compreender (re) configurações tecnológicas na escola. Assim sendo, objetiva-se nesse trabalho discutir se a linguagem digital está presente na escola e em que proporção essa inserção tem ocorrido. A metodologia utilizada baseia-se em entrevistas escritas feitas com professores de uma escola pública e uma escola privada na cidade de São Mateus do Sul, no Paraná. Os resultados mostram a necessidade de aproximação dos docentes à linguagem digital, bem como a compreensão desse universo tecnológico dispondo-se a trabalhar com essas novas tecnologias na sua prática docente.

Palavras-chave: linguagem digital, letramento digital, tecnologia digital.

DIGITAL LITERACY PRACTICES IN TEACHING

Abstract: This research is part of a larger work that seeks to understand (re) configuration technology in school. Therefore, this paper aims to discuss the digital language is present in the school and to what extent this insertion has occurred. The methodology is based on written interviews made with teachers in a public school and a private school in São Mateus do Sul, Paraná. The results show the need for approximation of the digital language teachers, as well as understanding of the technological universe being willing to work with these new technologies in their teaching practice.

Palavras-chave: digital language, literacy, digital technology.

ALFABETIZAÇÃO DIGITAL EN LA PRÁCTICA ENSEÑANSA

Resumen: Esta investigación es parte de un trabajo más amplio que busca comprender (re) configuración de la tecnología en la escuela. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo discutir el lenguaje digital está presente en la escuela y en qué medida esta inserción se ha producido. La metodología se basa en entrevistas hechas por escrito con los maestros en una escuela pública y una escuela privada en São Mateus do Sul, Paraná. Los resultados muestran la necesidad de una aproximación de los profesores de idiomas digitales, así como la comprensión del universo tecnológico estar dispuesto a trabajar con estas nuevas tecnologías en su práctica docente.

Palabras clave: lenguaje digital, la alfabetización, la tecnología digital.

INTRODUÇÃO

O mundo vive em acelerado desenvolvimento graças aos avanços da tecnologia, dentre outros fatores, e a escola faz parte desse desafio. Dessa forma, uma das funções da escola é contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania incorporando novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Diante deste quadro de mudanças, faz-se necessário e urgente um aprendizado diferenciado sobre como utilizar, no ambiente escolar, tanta tecnologia disponível.

Discutir como a tecnologia digital é complementar e necessária à prática pedagógica e como os resultados de sua utilização podem possibilitar melhorias na qualidade do processo de ensino e aprendizagem é a base da proposta de pesquisa na qual se trabalha com a hipótese de que a linguagem digital pode não estar ainda presente na sala de aula e na realidade das escolas. Nesse sentido, é por meio da linguagem que a inserção das tecnologias se dá, e essa linguagem faz parte das práticas sociais presentes no cotidiano das instituições e de cada pessoa na sociedade.

Neste trabalho apresento uma discussão acerca de letramento digital, fazendo um *link* com a questão da Identidade Docente, a partir de fragmentos das entrevistas feitas em duas escolas no interior do Paraná, sendo uma escola pública e uma escola privada. Cabe ressaltar que esse recorte tem aprovação da comissão de ética da

Universidade Estadual do Paraná e o consentimento dos participantes da pesquisa com o sigilo de suas respectivas identidades.

Para tratar dessas questões, apresentam-se, neste artigo, três seções, das quais as duas primeiras apresentam as escolhas teóricas que servem de base para a análise das entrevistas que aqui serão apresentadas: a primeira seção discute brevemente uma visão de letramento digital como prática para uma possível modernização de ensino; e na seção dois, procura-se detalhar a questão da identidade do professor ante a sociedade tecnológica, a qual exige dos docentes uma reflexão de seu fazer docente constantemente. E, por fim, na terceira seção, são apresentadas as entrevistas seguidas de análise com base no referencial teórico discutido.

1. LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE

Partindo do pressuposto que a inserção no processo de tecnologias digitais é imutável ante um mundo globalizado em expansão, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua, sustenta Freitas (2010). A revolução tecnológica abriu espaço para fortes discussões de como o poder da internet se tornou veículo de globalização. Letramento digital, segundo Coscarelli e Ribeiro (2011, p. 9), “é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. E, assim, compreende-se que letramento digital é muito mais que aprender a digitar em um computador.

Diante disso, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é letrar digitalmente docentes em atuação e usar o universo digital com uma nova geração de estudantes que estão crescendo e vivenciando as novas tecnologias de informação e comunicação. Xavier (2002, p. 1) assevera que “Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos tais formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital”. E segue afirmando que:

[...] um conjunto de informações e habilidades mentais devem ser trabalhados com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais. (XAVIER, 2002, p.1)

Em vista disso, neste trabalho, compreende-se letramento digital como uma nova prática de inserção das tecnologias digitais em sala de aula a fim de que tais tecnologias estejam presentes na escola propiciando aos alunos outras fontes de informações diversas e, de acordo com cada realidade sociocultural, talvez facilitando e simplificando o trabalho cotidiano do professor, também inovando na apresentação dos conteúdos de forma mais dinâmica, interativa e próxima das diversas práticas sociais.

É preciso que professores se apropriem também dessa linguagem para, assim, explorar, juntamente com seus alunos, as várias possibilidades desse novo ambiente de aprendizagem. Não é mais possível ficar fora desse contexto, do mundo virtual que os alunos dominam. É preciso ainda que o professor direcione as aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor.

Diante da nossa sociedade digital, o professor necessita em sala de aula muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e cursos básicos de informática educativa. Faz-se necessário que professores insiram o computador e a internet em suas práticas de sala de aula, transformando-a de maneira a contribuir com a inserção dos alunos nesse universo cibernético de modo produtivo e de um uso eficiente e não vazio, ou seja, usar as ferramentas digitais de forma coerente com a realidade a que se vive, atrelada às práticas sociais. Freitas (2010) assevera que:

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la

passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, P. 340)

As possibilidades de ensino seriam multiplicadas haja vista que o acesso a qualquer informação poderia ser bem mais fácil. O letramento digital serviria como degraus para um novo sentido ao estudo. É oportuno dizer que nesse universo tecnologizado no qual estamos imersos é impossível pensar em letramento digital sem profissionais qualificados, o que sabemos que na sua grande maioria não está. Maciel e Lima (2010, p. 153) compreendem que “embora não estejam ainda aptos a preparar e ministrar aulas nesse novo contexto conhecido como mundo midiático, isso não significa que não consigam ler, escrever e compreender textos digitais”.

Se a escola adotasse as tecnologias de fato, possibilitaria uma aprendizagem mais efetiva, uma vez que os alunos não estariam presos à realização de tarefas mecânicas já efetivadas, já que podem ter acesso a um livro digital que é o computador.

É de se relevar que tanta tecnologia disponível impõe uma mudança de cultura e tal mutação gera insegurança, dor e angústia dando a impressão de que tudo parece ilusório. No entanto, essas mudanças exigem uma reflexão contínua da realidade e de como se está inserido na sociedade, possibilitando aos sujeitos escrever a sua própria história, reinventando-se e se reconstruindo continuamente. Os profissionais da educação, de certo modo, presenciam tais mudanças por meio do convívio com o aluno e isso exige a reflexão do professor acerca do seu fazer docente.

2. IDENTIDADE DOCENTE

Ante a sociedade atual, é mister que o professor reveja sua prática constantemente, refletindo como as mudanças ocorridas na chamada pós-modernidade¹ afetam diretamente a sala de aula e sua prática docente. É necessário fazer um exame da sua prática e do seu desempenho profissional enquanto professor, à luz das inovações tecnológicas, para que,

¹ Termo baseado em Baumann (1998)

assim, haja um crescimento do professor enquanto educador, atrelando tais inovações à prática de sala de aula, possibilitando, assim, aos educandos uma orientação profícua nesse momento em que o letramento digital é tão debatido.

No entanto, isso não significa que tudo o que somos e/ou sabemos seria excluído e deveríamos começar do zero. A perspectiva é que, devido às rápidas mudanças que acontecem, o sujeito está num constante desconstruir e reconstruir, refazendo seu percurso e revisitando seus saberes constantemente. Hall (2011) assevera que:

A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas como pensamos. Ao invés de tomar identidade por um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la talvez como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. (HALL, 2011, p 222, tradução da autora)

Desse modo, percebe-se que o professor, um profissional que trabalha com linguagem, encontra-se também imerso nas várias práticas culturais, construindo-se diariamente no contato com seus alunos, com a sua prática, com sua teoria, sua formação. Sendo assim, “na prática de sala de aula há uma confluência de identidades aflorando no contexto dialógico na qual professor e aluno interagem”. (TÁPIAS-OLIVEIRA, 2006, p.41)

Nesse sentido, o professor necessitaria do outro, que na escola passa ser nosso aluno, e a identidade do professor passa existir quando esse outro cria tais identidades. Ou seja, a partir da visão do aluno que o professor é configurado e apontado, prevalece a visão do aluno de quem é esse professor.

Estar atento retoma a velocidade de informações desse mundo globalizado e perpassa por discussão acerca de identidade. Dentro do ambiente escolar, que é um ambiente social, há uma constante construção de identidades. E nesse mundo em que a globalização rompeu com fronteiras de tempo e espaço, as mudanças rápidas que a sociedade tem enfrentado, não passariam longe da escola. Moita Lopes (2002) sustenta que:

No processo de construção de nossas identidades sociais por outro lado, a vida institucional também tem sido fruto de muita atenção: “a identidade é, de algum modo, um efeito de socialização institucional” (sarup 1996, p. 48). A escola certamente representa papel central nessa construção de quem somos. Isso quer dizer que os significados construídos na escola sobre a vida social, paralelamente a outros significados a que somos expostos em outras práticas discursivas das quais participamos, desempenham papel central na legitimação de identidades sociais. (MOITA LOPES, 2002, p.59)

Se o sujeito se constitui nas inúmeras relações que tem com o meio social, desse modo o professor tem sua identidade constantemente reconstruída a cada novo olhar de seus alunos. Na prática social do meio escolar, far-se-ia necessário um repensar sobre que professor eu sou. A sala de aula possui um turbilhão de identidades sociais que necessitam ser trabalhadas, respeitadas, orientadas. Como leciona (REICHMANN, 2010 p. 47) “[...] é necessário que o próprio profissional docente se engaje nesse processo de construção social, ressignificando-se, para assim poder atuar como agente de transformação e forjar novas posturas e identidades sociais”.

O mundo está globalizado e tecnologicamente evoluindo a passos cada vez mais largos. Os alunos não são mais aqueles que vêm incólumes para a sala de aula, para a escola esperando que recebam conhecimento e a partir deste se identificarão como sujeitos (fixos). Hoje, os alunos vêm letrados por inúmeros outros meios. Na escola, o professor funcionará como uma bússola, ou seja, a metáfora explicaria que ele seria um norte, na verdade uma orientação de como usar todo esse conhecimento adquirido além-escola.

Diante das mudanças socioculturais, necessita-se que professores compreendam a linguagem como um construto social num eterno processo e não como produto pronto, acabado e disponível nas definições mais claras.

Ao falar, tais sujeitos dão forma a seus pensamentos, ou seja, ao verbalizar esses pensamentos atuam em um processo que objetiva a busca de significação em relação ao mundo em uma atividade que se define por um jogo de ação e reação diante dos fatos de acordo com

seus valores e ideologia que determinam suas identidades por meio da linguagem que utilizam. (CORREA, 2000)

Seria necessário que professores estivessem dispostos para o embate diário com sua subjetividade frente a inúmeras discussões. Professores que revejam crenças, verdades absolutas, professores que estejam atentos em todas as direções e diferenças. Professor que se reconfigure diariamente e, principalmente, questione-se ininterruptamente sobre o que pensa, o que estuda, o que lê, o que ouve, mas que, principalmente, que saiba olhar nos olhos de cada aluno, indivíduos em construção, que O PROFESSOR tem em mãos.

A partir desses pressupostos, apresento trechos de entrevistas empreendidas durante minha pesquisa de campo com vários professores de uma escola pública e uma escola particular para observar se, na escola, têm ocorrido práticas de letramento digital e de que modo estão sendo feitas.

3. ENTREVISTA

Esse instrumento de coleta de dados é apenas um recorte da metodologia utilizada para a geração de dados dessa investigação que utilizou três instrumentos para geração de dados com o intuito de validar as informações colhidas. Sendo eles: (i) entrevista escrita; (ii) *blog*; (iii) grupos de discussão.

A entrevista é uma parte bastante relevante da pesquisa uma vez que consegue apresentar dados precisos, perfil dos indivíduos que fazem parte do processo de investigação.

No presente trabalho, a entrevista não foi totalmente estruturada. Propus perguntas abertas para que entrevistados se sentissem à vontade para responder de acordo com a realidade social e educacional de cada um, com base nas informações que o participante detém. Ludke & André (1986) afirmam que essa é a verdadeira razão da entrevista. Para tanto, depreende-se que:

Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se dos esquemas mais livres, menos estruturados. As informações que se quer obter e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34)

Por essa razão esse instrumento de pesquisa se mostra relevante para a pesquisa, uma vez que consegue definir melhor os participantes, e por mais ampla que possa se apresentar ajuda a traçar uma linha de pensamentos e convicções dos professores.

Convém evidenciar que o termo configuração tecnológica prevê que dentro do universo escolar já exista aparatos tecnológicos, mas que podem não estar sendo utilizados pelos docentes, havendo assim a necessidade de reconfigurações da prática docente por meio da reflexão crítica.

Esta entrevista objetivou verificar se a linguagem digital está presente na escola. Caso estivesse, buscava observar a proporção em que estava e como estava acontecendo o trabalho com linguagem digital pelos professores nas suas práticas de sala de aula e fora dela.

Nesta seção, apresento e analiso os fragmentos recorrentes em relação aos aspectos positivos e negativos na visão dos professores. Busquei apresentar as perguntas na íntegra antes de cada análise e os fragmentos dos textos dos professores no corpo da análise, já que são 150 respostas e de certo modo mais difíceis de organizar por caracterizar-se uma pesquisa qualitativa.

Pergunta 1: *Atualmente há muitas pesquisas acerca do letramento digital, além de os documentos oficiais também evidenciam a necessidade de trabalhar tecnologias como forma de linguagem. Assim sendo, os professores percebem essa necessidade e compreendem seu papel ante a potencialização dessa linguagem atualmente?*

A palavra resistência aparece com frequência nos seguintes excertos: **“não estamos totalmente inseridos nela”**; **“não estou preparada para o uso dessa linguagem.”**; **“e se essas viessem para a sala de aula, o ensino teria maior rendimento”**; **“percebo ainda muita resistência da grande maioria de professores que se recusam a aprender e também usar a tecnologia como aliada na sua prática docente”**; **“ainda há certa resistência de alguns professores”**; **“ainda existe a dificuldade para a implantação de forma constante”**; **“há os que resistem e trabalham de forma tradicional”**; **“ainda muitos não tem o domínio”**; **“ainda encontramos muitos educadores que resistem”**; desse modo questiona-se se há como resistir uma vez que as tecnologias digitais já estão inseridas no cotidiano muito mais rápido que a própria escrita quando descoberta. Castells (2001) já enfatiza que o mundo virtual e o mundo físico se complementam de modo que na escola é perceptível por meio dos alunos, comprova-se pela fala do professor [...] **“nossos alunos são da “era tecnológica”**.

Pode ser, como afirma Valdèz *et al* (2002), que as concepções divergentes do que vem a ser tecnologia podem ser resultado do desconhecimento da evolução sociocultural do homem. Até mesmo, como coloca um participante: **“Aceitando esta tecnologia, poderemos modernizar nossa metodologia de trabalho”**. Na verdade já não aceitamos as tecnologias? Elas fazem parte do nosso dia a dia, pois convivemos com um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e criados pelo homem através da história para satisfazer as necessidades pessoais e coletivas conforme ressalta Veraszto (2008).

Muito embora, essa percepção de tecnologia ainda não seja completamente compreendida por uma parcela considerável de professores, os quais por não terem as mesmas oportunidades que aqueles que nasceram na era digital se sentem inábeis e não inseridos nesse universo. Observa-se nos seguintes fragmentos: **“Não há como ou motivo para evitar o avanço tecnológico. A linguagem digital está se instalando em nossas vidas de modo progressivo, rápido e inevitável”**; **“Atualmente a maioria dos alunos convive diariamente com as tecnologias, mas nem sempre sabem usá-las aliadas a aquisição do conhecimento”**; **“Acreditamos que hoje em dia, interagir e dominar a linguagem digital são uma necessidade que implicará na melhor sobrevivência do indivíduo”**; **“precisamos compreender que este é**

um caminho sem volta”; **“Apesar dos professores entenderem e reconhecerem a necessidade de sua utilização”**. Por outro lado, já se vê que outros estão conscientes de seu papel nesse contexto, acreditando caber ao professor criar mecanismos e caminhos para um aprendizado mais interativo ante as ferramentas do espaço virtual. Como já destacou Moran (2007), ter acesso às novas tecnologias digitais é um direito de cidadania, uma vez que os não conectados perdem essa dimensão cidadã para a inserção no mundo profissional e nas práticas sociais.

Parece que a linguagem digital ainda está distante da sala de aula, conforma sustenta participante **“se essas viessem para a sala de aula”**, ou ainda **“na medida do possível deve estar contextualizado com as realidades”**. Nesse norte, se ela ainda é vista como possibilidade ou for inserida na medida do possível, a compreensão da linguagem como prática social não estaria presente dentro da instituição escola. Ou ainda se pode observar que essa resistência é uma maneira de definir quais práticas sociais podem adentrar a escola. Outrossim, a reação cautelosa, negativa ou positiva em vista do novo é uma ação que se efetiva por parte do professor.

***Pergunta 2:** Pressupõe-se que a inserção de tecnologias digitais é imutável no mundo globalizado em expansão e que, diante disso, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é letrar digitalmente uma nova geração de estudantes que está crescendo e vivenciando as tecnologias de informação e comunicação. Uma vez que o pressuposto é de que os estudantes já crescem imersos nesse universo e se o desafio é letrar digitalmente, como os professores interagem com a linguagem digital, subentendo assim que nós, professores, não somos advindos desse universo digital? Os professores conseguem acompanhar essa evolução?*

Em vista dos resultados da segunda questão é possível depreender que os professores, muito embora tenham ciência da evolução das tecnologias nas práticas sociais, ainda não conseguem trabalhar com essa linguagem em sala de aula. Percebem que existe um desafio e a dificuldade de acompanhar, além da resistência. Esse é um fato assumido pelos professores conforme se observa nos excertos: **“vejo como um desafio conseguir acompanhá-la”**; **“não tenho nem uma parte de cem do conhecimento e agilidade que os meus alunos tem com relação a tecnologia”**; **“não sabemos como transformar nossas aulas arcaicas e descontextualizadas”**; **“eu não consigo trabalhar essa linguagem com meus alunos”**; **“por**

falta de tempo, domínio ou mesmo interesse acabam “ficando para trás.”; “Falta interesse a grande maioria.”; “Considero que este seja um dos grandes desafios da educação”; “os mais antigos de caminhada no magistério são mais resistentes”. Em razão disso, destaca-se que as transformações no campo dos saberes exigem atitudes diferentes para incorporar o novo e acompanhar o desenvolvimento não só do ponto de vista tecnológico, mas também cultural. Conforme Castells (2005) o acesso ao conhecimento foi potencializado e as tecnologias disponíveis hoje, aumentam os saberes mentais, a capacidade de adquirir, organizar, armazenar, relacionar, integrar, aplicar e transmitir informações.

Devido a isso é que se acredita que o professor necessitaria se apropriar da tecnologia acrescentando-a a outras práticas de maneira crítica e consciente, usando-a como linguagem para melhorar seu cotidiano e sua interação com a sociedade, expandindo-a para dentro da sala de aula. Conforme observado nos fragmentos **“é obrigação do professor aprender e interagir com a linguagem digital”; “Acredito que seja uma questão epistemológica, metodológica e de decisão de estar ágil e atualizado em relação ao conhecimento, por mais que a carga horária de trabalho e estudos do professor seja demasiadamente alta e exaustiva no Brasil, cabe a ele usar da pesquisa junto com os alunos para aprender e produzir conhecimento”.** Em vista das colocações acima, verifica-se a lentidão em relação a toda essa evolução também por parte dos professores, muito embora existam outros fatores conforme apontado **“Esbarramos na falta de estrutura e principalmente na ausência de método”; “por mais que a carga horária de trabalho e estudos do professor seja demasiadamente alta e exaustiva no Brasil”.**

Ainda assim, há aqueles que não veem como positivo o uso de tecnologias e esperam métodos e orientação para transformar **“aulas arcaicas e descontextualizadas”; os sujeitos da era digital estão ao luz a frente de seus professores”.** Assim, Mesquita (2008) destaca que diante deste cenário desafiador para a educação, não obriga ninguém a ignorar essas novidades. Faz-se necessário reconhecer sua importância no contexto educacional em que se vive atualmente, exigindo assim uma reflexão dentro de uma abordagem construcionista.

No entanto, para que essa abordagem pluralizada e inovadora aconteça faz-se necessário, conforme um dos fragmentos acima **“precisamos nos despir de nosso orgulho de detentores do saber, passando a ver o ensino como algo compartilhado”**. Nesse sentido Moran (2007) afirma que se tem percebido que a educação não acontece somente durante um determinado período de tempo, mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços. E se assim o é, o professor também está em constante aprendizagem e para tanto os desafios parecem necessários para a potencialização da educação e das práticas pedagógicas.

Destacam-se também as entrevistas que o domínio das tecnologias digitais não está ocorrendo de maneira satisfatória e que os professores veem nas tecnologias a possibilidade de aprendizagem e os alunos as percebem como diversão. Em razão disso trago a baila que toda tecnologia é um produto social conforme sustenta Xavier (2010), e esse produto segundo Veraszto (2009) advém de saberes inerentes ao desenvolvimento e criado pelo homem para satisfazer as necessidades e requerimentos pessoais e coletivos. Portanto, são os agentes sociais que decidem se vão adotá-las ou não em suas práticas sociais. Quando adotadas, as inovações tecnológicas se expandem e se fortificam no meio social a fim de oferecer novos limites de ser e fazer no mundo. E nesse sentido, pode-se observar que as tecnologias digitais já se estabeleceram na sociedade, agora é decisão de agentes sociais (professores) decidirem se vão ou não utilizá-las na prática docente.

Logo, para evitar o uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer novas formas de aprender e ensinar e ao mesmo tempo produzir, comunicar e representar conhecimentos facilitados por tais recursos a fim de favorecer a construção do conhecimento, e, por assim dizer a integração social. É possível depreender que os professores estão cientes dessa condição, uma vez que afirmam: **“a maioria dos professores sente-se preparado para o uso das novas tecnologias.”**; **“procuro inteirar-me e utilizá-las sempre que possível”**; **existe a necessidade de um planejamento para que realmente este trabalho seja realmente significativo para nossos alunos”**.

Em contrapartida alguns professores não percebem uma representação maior do uso de computadores em sala de aula conforme se depreende do seguinte fragmento: “[...], **os professores usam o computador apenas para formalizar (digitar) as avaliações e textos de estudo, sem, contudo, ver nas novas mídias digitais a ferramenta de aprendizado**”. Para tanto é que se ressalta a necessidade de ações mais educativas que delineiem novas formas de expressão e ressignificação do processo de conhecimento. Por meio do espaço digital, virtual, cibernético há uma vasta gama de diversidade, mudanças de formas culturais de vida, além de abrir espaço para diferentes construções sociais.

Por mais resistência e desconhecimento que as tecnologias acomodem, não podem servir de entrave para o processo educacional e sim como alicerce para perspectivas outras. A desmotivação de professores pode não ser uníssona, os métodos precisam ser experienciados, preconizados em projetos e ações efetivas por professores.

Pergunta 3: *É preciso inserir o novo, segundo Freitas (2010). Sendo assim, o professor necessita, em sala de aula, muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e cursos básicos de informática educativa. Seria importante que os professores inserissem o computador e a internet em suas práticas de sala de aula, acrescentando outras ferramentas pedagógicas?*

Diante dos resultados a essa questão especificamente, percebe-se que os professores consideram importante a inserção de tecnologias digitais em sala de aula, no entanto depreende-se que ainda resistem a esse processo devido a uma série de percalços que estão muito além de achar benéfico ou não o uso de tecnologias em sala de aula. É necessária a reflexão crítica diante desse quadro que se apresenta: **“A questão esbarra no custo de transformar um espaço historicamente pensado e organizado na lógica clássica do analógico. Aparelhar o ambiente escolar na lógica digital exige investimentos que muitas vezes a escola, seja ela pública ou particular, não está disposta a se submeter. Cito aqui três razões: a falta de interesse e ação política; uma transformação mascarada, que torna o ambiente escolar em pseudo-digital e a transferência dos custos para a mensalidade dos alunos”**. Poder-se-ia dizer que essa é a realidade atual, uma vez que outros professores fizeram a mesma menção **“as escolas não estão equipadas e nem os professores preparados para o uso**

delas”; “falta estrutura nas escolas.”; ‘atualmente estamos com os laboratórios funcionando de forma pouco eficiente’. É de extrema importância ressaltar que as questões históricas de como a escola foi construída, exigiria a mudança não só de paradigmas, como também de infraestrutura do sistema educacional. Tais investimentos, seja na esfera pública, seja na particular recaem sempre como uma barreira muito grande a ser ultrapassada, pois os investimentos mínimos para essa mudança aconteça demandam o investimento que direta ou indiretamente sai do bolso dos contribuintes, ou pagando a mensalidade em escola particular, ou pagando os devidos impostos que sustentam as obras públicas.

Esse pseudo-digital que o professor aponta pode se verificar também em projetos que objetivam uma grande iniciativa com muito sucesso, mas que devido aos avanços velozes da tecnologia perdem a razão de ser com a mesma velocidade. **“o Estado do Paraná iniciou importante projeto de inserção digital com a TV multimídia e as salas de informática nas escolas, mas o que era para ser uma grande iniciativa logo se tornou obsoleta. [...] não se consegue facilmente gravar os conteúdos para ilustrar as aulas, pois as TVs não reproduzem a maioria dos tipos de arquivos e falta habilidade aos professores para fazer a conversão. Existem cursos de capacitação, mas falta suporte para atender prontamente as dúvidas e problemas que ocorrem e que não são poucos”**.

As ações políticas existem, no entanto por falta de suporte e investimentos perdem rapidamente a função. Sendo assim, busca-se respaldo em Veraszto (2008) que aponta que compreendemos melhor a tecnologia como uma fonte de conhecimentos próprios e que estão em contínua transmutação sempre com novos saberes. Com isso saberes outros vão sendo agregados de forma cada vez mais veloz e dinâmica. E o mesmo autor também completa que a “tecnologia exige um profundo conhecimento do por que e do como seus objetivos são alcançados”. Nesse ínterim, acredita-se que são as atividades humanas que constituirão os métodos e processos para tal inserção. Mediante o paradigma de que se é detentor do saber, por certo é preciso dominar todas as técnicas e então poder repassar. Contudo se a proposta seria mudar de perfil, o conhecimento do professor agregado ao conhecimento do aluno pode construir novos saberes e encontrar diferentes meios de trabalho em conjunto. Não quer isso

dizer, entretanto, que somente cabe aos professores essa função. Na verdade, esse é um processo bastante complexo, não está diretamente ligado ao profissional da educação, ao sistema educacional, às ações políticas. É um processo globalizado e massificado que requer ações individuais e conjuntas e vice-versa para que possa acontecer. Giddens (2002) já destaca que a modernidade é uma cultura de risco que altera radicalmente a natureza social e cotidiana afetando também aspectos extremamente íntimos da própria existência.

No seguinte excerto, o professor apresenta mais um ponto bastante relevante: **“mas como será possível essa inserção se muitos de nossos alunos passam diferentes necessidades básicas no cotidiano familiar?”**. Mais uma vez percebe-se que a questão não é tão simples como parece. A realidade individual em um mundo globalizado parece produzir excluídos digitais, como aponta Giddens (2002) que a globalização afeta “o entrelaçamento de eventos sociais “à distância” em contextos locais”. As influências globalizantes projetam um lugar onde a angústia e a insegurança exigem dessa vida moderna uma reflexão profunda da realidade e o modo como os indivíduos estão inseridos nela. Muito embora, como destaca Bauman (1998), para os locais os muros estão cada vez mais difíceis de transpor já que não lhes é oferecida a escolha, expondo-os mais ainda a falta de liberdade, a falta de condições mínimas de ser inserido.

Não se pode deixar de destacar que as ações políticas permeiam as atuações de qualquer indivíduo na sociedade, no entanto seria muito mais fácil atribuir limitações e submissões ao sistema. As desculpas sempre existiram e não deixarão de ser usadas para as mais diversas situações e impasses que se encontra. Talvez seja mais que urgente deixar de usar essa bengala e encontrar meios para que as atitudes sejam efetivas e possam potencializar a função do ser professor em vista de uma sociedade de informações e avanços galopantes devido às tecnologias digitais. Coscarelli (2011) ressalta. “Numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país”.

Frente aos tantos percalços como escolas não equipadas, professores não preparados, sem disponibilização de material, equipamentos, laboratórios, as dificuldades enfrentadas

pelos alunos na sociedade em que vivem dentre tantos outros problemas, repensar a prática docente faz-se extremamente necessário para buscar meios de fazer com que novos letramentos colaborem com o aluno e seu aprendizado e não seja mais um problema a ser detectado. É preciso uma maior compreensão dos docentes conforme Ferreira (2008) assegura a necessidade de incluir discussões na formação do professor e na formação continuada conceitos que desafiem os modos de pensar e exijam a reflexão crítica da sua prática. A experiência do professor é uma forma de reavaliar o conhecimento do professor em sala de aula.

Atenho-me na prática reflexiva para repensar acerca das tantas reivindicações dos professores com o intento de que por meio delas o docente possa refletir criticamente sobre as mudanças rápidas da sociedade que têm afetado a escola. Essas mudanças estão acontecendo muito rápido e conforme coloca Braga (2005, p. 759) “Esse processo tem sido interpretado muitas vezes com otimismo exagerado ou pessimismo fundamentado”. Nesse norte a formação continuada serviria de alicerce para encontrar subsídios para enfrentar o mundo tecnológico em que todos estão inseridos.

De outra banda já se percebem mudanças conforme se nota nos seguintes fragmentos: **“Inserir o computador e a linguagem digital na prática de sala de aula é importante para o professor e para os alunos, pois ambos são beneficiados, o primeiro pela praticidade, dinamicidade e atualização de conhecimento que pode oferecer aos alunos”;** **“Letramento digital não deve se restringir ao ato de saber usar os aparelhos tecnológicos ou fazer parte tudo do mundo virtual, mas sim que a tecnologia passe a ser utilizada como ferramenta facilitadora e promotora de aprendizagem, uma vez que através dela o aluno tem oportunidade de ampliar seus conhecimentos numa escala inimaginável”;** **“Nas escolas públicas do Paraná houve investimento pesado neste setor há aproximadamente 3 anos, quando foram instalados Laboratórios de Informática com acesso a Internet, TVs em todas as salas de aula e foi dado suporte a todos os funcionários para a sua utilização, entretanto devido ao avanço e mudanças muito rápidas nos recursos tecnológicos, atualmente estamos com os laboratórios funcionando de forma pouco eficiente e o Governo já está preocupado**

em substituí-los, pois não estão mais cumprindo com os objetivos aos quais foram propostos”; “O sistema e a nova geração exige essa mudança”, Assim percebe-se que muitos professores procuram adaptar-se com instrumentos que a escola possui”.; Existem cursos de capacitação, mas falta suporte para atender prontamente as dúvidas e problemas que ocorrem e que não são poucos”.

É de se verificar que muito embora haja divergências entre os professores em suas respostas, percebe-se mais o pessimismo de alguns, muito embora já se percebam acenos de consciência para as mudanças.

Os fragmentos chamam a atenção ao fato de compreender que o professor tem receio de que o computador seja substituto da atuação humana, o que não se verifica. Usar as tecnologias digitais como recurso não significa que o aluno irá trabalhar o tempo todo na frente da tela do computador. Tudo vai depender de como o professor utilizará os recursos disponíveis, já que a infinidade de ambientes de pesquisas deve ser selecionada pelo professor. Os meios a serem seguidos dependem da ação do docente e conjuntamente discussões vão sendo travadas para o que o conhecimento se construa. Coscarelli (2011) pontua que os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para a realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e assim planejar formas de utilizá-los em suas salas de aula.

***Pergunta 4:** Como a instituição escola compreende a linguagem digital, há acesso, incentivo, cursos de capacitação, potencialização desses recursos?*

Diante das assertivas: “**desconheço a disponibilização de capacitação de cursos para professores**”; “**Não tive cursos de capacitação desse assunto**”; “**Existem alguns cursos de capacitação**”; “**não são suficientes para que o professor tenha habilidade para inserir esse conhecimento em sala de aula, são cursos fragmentados**”; “**o uso do computador em sala de aula é ironizado pela direção**”; “**o uso do computador em sala de aula é ironizado pela direção**”; ora se mostram como positivas e ora como negativas, verifica-se que os cursos de capacitação existem, porém ainda longe de alcançarem as discussões acerca de letramento

digital. Como se percebe, as reivindicações sobre o sistema sempre perpassam as respostas. Poucos são os professores que já notaram que as ações também precisam partir do professor, como também do aluno, do sistema escolar, das ações políticas. Claro, não deixamos de lado a informação de que faltam recursos, aplicativos, infraestrutura, no entanto se sabe que esse não é um problema atual, convive-se com ele há muito. Pode ser que para se instaurar o uso das tecnologias digitais, para que o letramento digital seja realmente compreendido haja a necessidade de o professor, constituinte fundamental na instituição escola, preparar-se para operar sem respaldos os recursos básicos da informática. Assim passe a refletir sobre o modo dessas tecnologias adentrarem a sala de aula, colaborando para o desenvolvimento crítico e consciente dos alunos para que este vislumbre o computador como ferramenta de trabalho e não somente diversão.

Atenta-se também que o professor não parece ser um indivíduo não letrado digitalmente, tendo em vista que as tecnologias digitais estão presentes no dia a dia, seja profissional como se nota **“Embora, hoje as escolas estejam equipadas com todos esses aparatos tecnológicos e já exista capacitação para que o professor se aprimore, ainda estamos longe de alcançar a excelência. Entretanto, no meu ponto de vista é o educador quem deve procurar acompanhar os novos tempos e não ficar esperando que a instituição escola se transforme”**; **“a maioria das escolas possui laboratório de informática, pode-se dizer que se utiliza ainda muito pouco o laboratório como ambiente de ensino, vezes por falta de iniciativa do professor e outras por falta de espaço físico adequado, o número de computadores em relação os quantidade de alunos ainda é insuficiente”**. E essa inserção digital também parece estar presente no cotidiano da maioria dos indivíduos na sociedade. Basta observar, como destaca Braga (2005), que para receber seus vencimentos, o indivíduo possui um cartão de crédito, os impostos como IPVA há algum tempo são pagos diretamente nos caixas eletrônicos sem a emissão necessariamente de boletos, para acompanhar as seleções de PSS ou mesmo avanços de professores já efetivos é feito por meio do computador. Cabe ainda enfatizar que podem não ser todos, mas maioria dos professores têm computador em casa, possuem *e-mail*, destaca-se aqui que os professores efetivos do Estado do Paraná

dispõem de um endereço eletrônico fornecido pelo SEED², além da utilização de tecnologias digitais para as necessidades básicas da sala de aula. Sendo assim, a linguagem digital pode ser compreendida uma prática social inserida no cotidiano e, portanto, pode-se dizer que se está - de algum modo - letrado nessas tecnologias.

De acordo com Coscarelli (2011, p. 39) para que as tecnologias digitais realmente venham “representar uma mudança na vida escolar, é preciso que a educação seja compreendida como um processo de construção de uma saber útil e aplicável pelos alunos e não como uma realidade a parte, sem nenhum interesse e de difícil acesso na escola”. Ou seja, a escola não pode ficar dissociada da tecnologia digital, afinal o investimento que governos fazem, mesmo que insuficientes são a demonstração de reconhecer a importância desse projeto de letramento digital que é relevante para a formação do cidadão enquanto ser crítico e reflexivo. A escola como célula da sociedade precisa manter vínculos estreitos entre realidade e sociedade ante os tantos anseios e necessidades.

Pergunta 5: *Compreende-se que, no mundo globalizado e tecnológico, é papel dos professores e da escola desenvolver novas formas de ensinar e aprender, aliando práticas há muito sedimentadas às novas tecnologias. Diante dessa urgência, existe o trabalho com linguagem digital na escola e quais métodos e abordagens são empregados?*

Levando em conta os retornos da entrevista, é possível notar que os professores compreendem o computador como ferramenta e não como linguagem a ser discutida. **“a pesquisa”; “Não que eu saiba”; “Na escola onde trabalho não há este trabalho e a importância da linguagem digital é questionada”; “Na escola onde trabalho não há este trabalho e a importância da linguagem digital é questionada”; “Vivemos ainda trabalhando numa escola tradicional”; “vivemos na Idade Média e não da Mídia”; “ainda mantem certos ditames e clichês”; “O uso da TV pen drive e o uso dos computadores em laboratório”**. A necessidade de apresentar métodos, ações, projetos a serem trabalhados com os alunos é perceptível. Pelo que se apresentou a escola ainda está compartimentada, as disciplinas estão soltas, os docentes parecem que discutem assuntos sem ligação direta com a vida do aluno. Professores parecem desmotivados devido a uma infraestrutura comprometida e o acesso real

² Secretária de Estado da Educação

da maior parte dos alunos à internet é insatisfatório. **“Na verdade fala-se muito e concretamente se faz pouco, não se tem um resultado efetivo”**; **“Apesar de tudo vejo que as ações ainda são insuficientes. Metaforicamente falando, andamos com passos de tartaruga competindo com a lebre da revolução digital, que diferente da fábula corre a perder de vista”**. Nota-se que poucos compreendem que a tecnologia pode ser um construto social o qual age como linguagem para o desenvolvimento da construção humana. Nesse sentido trago Silveira (2003) esclarecendo que a imposição de utilizar o computador como única opção possível e inovadora, significa “adestrar” o indivíduo a executar uma determinada técnica. No entanto, se houver a compreensão dos fundamentos do trabalho com a utilização das tecnologias digitais, dentro de todo o abarcamento sociocultural, a fim de auxiliar no desenvolvimento de uma conscientização crítica e capaz denota então efetuar um diálogo aberto entre professor e aluno, há compreensão do computador como linguagem, vislumbrando a tecnologia como parte integrante a fim de desenvolver “o prazer de viver livremente num mundo povoado pela tecnologia”.

Observa-se que alguns professores não se sentem tão inseridos nesse mundo tecnológico, talvez por não compreendê-lo. **“Quando possível ele ocorre, porém de maneira precária e insatisfatória”**; **“Porque não parece, mas vai ser difícil adquirir, assimilar e transmitir esses conhecimentos, já que não estamos tão inseridos nesse mundo tecnológico, apesar de vivermos nele, ainda não o compreendemos.”**; **“dificulta principalmente para o professor que não tem conhecimento sobre tal linguagem de decifrar o que o aluno escreveu”**. Talvez porque ainda predomina o individualismo por buscar soluções isoladamente. Certamente, vive-se uma sociedade com muitas informações e existe a dificuldade em escolher quais são realmente significativas e, ainda, como integrá-las à mente e à vida. Todavia, de acordo com Moran (2007) a informação dependerá cada vez menos do professor. Já que as tecnologias podem trazer uma gama de imagens, textos, etc. de forma muito rápida. Então o papel do professor reside em ajudar os alunos a interpretar essas informações e contextualizá-las. Cabe ao docente mobilizar o aluno a aprender de modo que este sinta cada vez mais vontade de conhecer.

Pergunta 6: *Nesse mundo em que a globalização rompeu com fronteiras de tempo e espaço, as mudanças rápidas que a sociedade tem enfrentado, não passariam longe da escola. Se assim o é, as mudanças rápidas na sociedade que afetam diretamente a escola têm sido responsáveis por modos de pensar o mundo e os modos que as pessoas compreendem o que está acontecendo em volta delas e no caso do professor especificamente, como essas mudanças na sociedade estão afetando a sala de aula principalmente com a velocidade das tecnologias digitais que corroboram tais mudanças. Em vista disso, a linguagem digital é considerada para o ensino/aprendizagem e por quê?*

A urgência por mudanças são assertivas sempre presentes na visão dos professores. Há uma mudança de comportamento dos jovens dentro de sala de aula e tais mudanças são perceptíveis aos olhos dos professores, como se observa: **“No momento acho que não está sendo usado ou talvez não esteja sendo compreendido, temos medo do novo, é mais cômodo ignorar sua existência, essa comodidade está acabando, pois nossos alunos começam a cobrar nossa ignorância. quando respondi essas questões percebi o quanto estou precisando de uma reciclagem tecnológica”**; **“perceber e aplicar a prática pedagógica em uma perspectiva digital é essencial”**; **“É papel de o professor andar a frente de seus alunos e gerar reflexão lançando mão de linguagem, o professor que foge da linguagem digital está se distanciando dos alunos, e distância entre professor e aluno prejudica o aprendizado”**; **“Hoje podemos considerar o uso destas tecnologias digitais é indispensável no processo de ensino/aprendizagem”**. Parece que as considerações de Giddens (2002) que mundo globalizado está presente em um espaço localizado, se ratificam devido à necessidade de inserção nesse universo digital.

A ênfase ao mundo efêmero e consumista parece se mostrar cada vez mais presente. Esse consumo parece estar associado a fazer parte do mundo e conter a ânsia pelas incertezas da era globalizada. Isso porque esse universo demanda investimentos altos para um excelente desempenho de tecnologias no ambiente escolar, e nesse sentido parece que a situação de angústia de acordo com Bauman (1998) é tudo menos liberdade para implantar novas ações, dar acesso a mais informações em tempo real ou mesmo digitalizar o ambiente analógico que ainda prevalece nas escolas. Isso é perceptível nos seguintes excertos: **“Ainda estamos equidistantes de um excelente uso e destino das tecnologias digitais no cotidiano, e principalmente na prática da sala de aula, [...] as dificuldades financeiras, os interesses e objetivos metodológicos, a incapacidade operacional das tecnologias, a inadaptabilidade dos**

métodos pedagógicos, a capacitação didática... torna uma tarefa árdua repleta de desafios e transposições a serem executados ao longo do tempo, desde que qualquer tecnologia esteja a disposição”; “estamos muito distantes de equiparar a escola com a rapidez das novas tecnologias, pois o ideal seria salas de aula totalmente interativas”. Ou seja, o mundo globalizado impulsiona os globais para espaços inexistentes e estes conseguem vencê-los, mas para aqueles que estão presos em ambientes locais, limitados, inseguros ao agir, o espaço se fecha rapidamente o que causa a sensação de estar aprisionado a um sistema sem encontrar saídas para a mudança.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Como o artigo aqui apresentado é um recorte, considerações finais seriam incoerentes com a discussão apresentada. Até mesmo com o trabalho pronto, todos os resultados são apenas parte de um grande processo acerca da temática tecnologias na educação.

O trabalho com linguagem digital nas escolas pesquisadas existe em pequena escala e de maneira pouco significativa exigindo um maior envolvimento dos professores. A escola, nessa era de tecnologias digitais permanece transferindo o conhecimento e não o construindo. Dentro dessa perspectiva a linguagem digital é unilateral, isto é, o professor leva o conteúdo, imagens, pesquisas prontas e apresenta ao aluno os resultados. Em vista disso, permanece o ensino tradicional. O trabalho centra-se nas mãos do professor e o aluno continua recebendo o conhecimento pronto. Sendo assim, a linguagem digital, na maioria das vezes, é ferramenta para o professor e não linguagem para discussão em conjunto com os alunos.

Inserir o aluno no universo digital é permitir que ele mesmo busque subsídios, informações, navegue por vários espaços mediados pela intervenção do professor no suporte digital. No entanto, ao que parece isso permanece distante da escola. O professor faz todo o trabalho e o aluno não participa do processo, não pesquisou, não selecionou, não foi integrado. Isso é o que Silveira (2003) chama de “adestramento”.

Apesar de a linguagem digital ser considerada pertinente, ela permanece distante da escola devido às tradições de ensino e ao mesmo tempo dentro da escola devido aos artefatos tecnológicos estar presentes, de os documentos citarem a necessidade de novas ações para a realidade atual e de haver algumas ações do governo para que elas estejam dentro da escola. Esse paradoxo, como destaca Moran (2007), é o que impede de incorporar propostas mais adequadas à sociedade de informação e conhecimento.

Destaco então que há necessidade de um diálogo entre professor e aluno a fim de que esses sujeitos que circulam no ambiente escolar se (re)construam nas diferenças de modo mais efetivo e não tão segregado como ainda se apresenta. Desse modo, talvez seja possível a (re)configuração identitária do professor por meio da reflexão crítica de sua prática para acompanhar os indivíduos reais/virtuais que adentram a escola essa sociedade tecnologizada.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da Modernidade*. Tradução: GAMA, Mauro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRAGA, Denise Bértoli. *Hipertexto: questões de produção e leitura*. Estudos Linguísticos XXXIV, p. 756-761, 2005.

CASTELLS, Manuel. *Information technology, globalization and social development*. In: Conference on Information Technologies and Social Development, Geneva, 2001

_____. *A sociedade em rede*. Tradução Roneide Venancio Mayer, 6ª edição; São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CORREA, D. A. *Constituição de sujeitos e ensino de língua portuguesa*. In: IV encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL, Curitiba, nov. 2000. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/031.htm>. Acesso em: 14/10/2011.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2011.

_____ & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2011.

FERRERIA, Aparecida de Jesus. *Formação de professores de línguas: gêneros textuais em práticas sociais*. Cascavel: Unioeste, 2008

FREITAS, Maria Tereza. *Letramento digital e formação de professores*. V. 26, n.03, p. 335-352, 2010.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Tradução DENTZIEN, Plínio. 2ª edição. Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

HALL, Stuart. *Cultural Identity and Diaspora*. Disponível em <http://www.rlwclarke.net/Theory/PrimarySources/HallCulturalIdentityandDiaspora.pdf>. 2011

LÜDKE, Menga. e ANDRÉ, M.E.D.A, *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MACIEL, João W. G.; LIMA, Joselito Elias Cipriano. Letramento digital e suas contribuições à formação acadêmica profissional. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010. p 148-162.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção de raça, Gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Campinas – São Paulo: Papirus, 2007.

REICHMANN, Carla Lynn. Reflexões sobre língua, vida e trabalho em autobiografias docentes. In: ROMERO, Tânia Regina de Souza (Org). *Autobiografias na (Re)Constituição de Identidades de Professores de Línguas: O olhar Crítico-Reflexivo*. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 47-60.

SILVEIRA, Luciana Martha. *O computador como ferramenta e como linguagem na intervenção artística*. Educação e Tecnologia, Curitiba, n. 6, p.111-116, 01 maio 2003. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/revista/vol6/artigos/art07vol06.pdf> acesso em 13 de março de 2012

TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline Mattos. *Construção Identitária Profissional no Ensino Superior: Prática Diarista e Formação do Professor*. Tese de doutorado apresentada a Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

VALDÉS, P. Y VALDÉS R., GUIÁSOLA, J. SANTOS, T. Implicaciones de la Relaciones Ciencia-Tecnología en la Educación Científica. *Revista Iberoamericana de Educación*, 2002, No. 28. p. 101-127. Biblioteca Digital da OEI (Organização de Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e A Cultura, Disponível em < <http://www.campus-oei.org/> > Acesso em 15 agost 2012.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; DA SILVA, Dirceu; DE MIRANDA, Nonato Assis; SIMON, Fernanda Oliveira. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. *Prisma.com*, nº 7, ISSN: 1646 153, 2008 <http://prisma.cetac.up.pt> Acesso em 15 de Maio de 2012.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Letramento digital em ensino*. 2002. Disponível em: <http://www.ufpe/nehte/atigo.htm>. Acesso em: 02 fev. 2012.

Zuleica Aparecida CABRAL

Possui graduação em licenciatura em Letras pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (1998). Especialização em Magistério da Educação Básica com concentração em Língua Portuguesa. Atualmente é mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, aldeia global, linguagem digital, linguagem; pragmática; multidisciplinaridade e blog, oralidade, escrita, letramento digital. Sob orientação da Professora Dr^a Djane Antonucci Correa, desenvolve a pesquisa intitulada "Reconfigurações tecnológicas na escola: a linguagem digital na visão dos professores".

Djane Antonucci CORREA

Professora associada na Universidade Estadual de Ponta Grossa onde atua desde 1999. Concluiu o doutorado em Letras, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002) e pós-doutorado no IEL/UNICAMP (2008/2009 e 2010/2011). Atua no Curso de Licenciatura em Letras e também no Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade. Participa de dois grupos de pesquisa: Linguagem e identidade: abordagens pragmáticas (UNICAMP) e "Pluralidade linguística, identidade e ensino" (UEPG).